

"ATUALMENTE SOMOS ESCRAVOS DO CUSTO DE VIDA": LINGUAGEM, FOME E DIGNIDADE EM CAROLINA MARIA DE JESUS DIANTE DOS DESAFIOS URBANOS GLOBAIS

DIOGO OLIVEIRA MENDES[1], *mendes.diogo@ufvjm.edu.br*

[1] UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Introdução: Este texto é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Comida e sabão: o real e o metafórico em Quarto de Despejo, desenvolvido no Curso de Licenciatura em Letras – Português, da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Campus Unaí. O estudo parte da compreensão de que a literatura ultrapassa seu caráter estético quando assume o papel de interpretar criticamente a realidade social. Conforme Antonio Candido (2011), a literatura constitui um direito humano fundamental, pois amplia as possibilidades de humanização e de compreensão crítica da realidade. Nesse sentido, a obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, constitui não apenas um testemunho autobiográfico, mas uma denúncia das desigualdades estruturais que atravessam a sociedade brasileira. Publicada em 1960, a narrativa apresenta a experiência cotidiana de uma mulher negra, mãe, catadora de materiais recicláveis e moradora da favela do Canindé, em São Paulo. Ao transformar sua própria vivência em escrita, Carolina rompe com os mecanismos históricos de silenciamento impostos às populações periféricas e desloca para o centro da literatura sujeitos tradicionalmente excluídos da sociedade. Sua obra evidencia que a fome, a pobreza e a exclusão urbana não são acontecimentos individuais, mas expressões de um processo histórico marcado pela desigual distribuição de direitos e oportunidades. Mais de seis décadas após sua publicação, Quarto de Despejo permanece atual ao dialogar com questões que hoje ocupam o centro das discussões internacionais sobre desenvolvimento sustentável, justiça social e direito à cidade. A persistência da insegurança alimentar, da segregação socioespacial, do racismo estrutural e do racismo ambiental demonstra que os problemas denunciados por Carolina continuam compondo os principais desafios urbanos globais. Tratando sobre racismo ambiental Acselrad (2009), define como a distribuição desigual dos riscos e da precariedade ambiental sobre populações historicamente marginalizadas, revelando a estreita relação entre injustiça ambiental e desigualdade social. Assim, este estudo objetiva analisar como a linguagem mobilizada pela autora transforma elementos cotidianos, especialmente a comida e o sabão, em categorias simbólicas capazes de denunciar processos de desumanização e afirmar a dignidade daqueles historicamente marginalizados. **Método:** A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentada na análise crítico-discursiva da obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada. Foram examinados os registros diarísticos produzidos por Carolina Maria de Jesus, privilegiando as recorrências discursivas relacionadas aos elementos "comida" e "sabão", compreendidos simultaneamente em suas dimensões materiais e simbólicas. A análise estabelece diálogo com autores que discutem linguagem, literatura marginal, exclusão social, relações raciais e dignidade humana, permitindo compreender a escrita de Carolina como prática social e política. Mais do que representar a realidade, sua narrativa produz conhecimento sobre as múltiplas formas de violência que estruturam a vida nas periferias urbanas brasileiras. A leitura também foi orientada por referenciais interdisciplinares dos estudos urbanos e das relações étnico-raciais, compreendendo a literatura como instrumento de interpretação das dinâmicas sociais contemporâneas. **Resultados e Discussão:** A análise evidencia que a comida ocupa papel central na narrativa de Carolina Maria de Jesus por representar simultaneamente sobrevivência, exclusão e denúncia política. A fome ultrapassa a dimensão biológica e revela a incapacidade do Estado em garantir condições mínimas de existência para uma parcela significativa da população. Ao afirmar que "atualmente somos escravos do custo de vida",



Carolina sintetiza a permanência de mecanismos de exploração que mantêm milhões de pessoas submetidas à insegurança alimentar e à precarização da vida. Essa afirmação, registrada na década de 1950, permanece extremamente atual diante do aumento da pobreza e da desigualdade observado nas grandes cidades brasileiras. A narrativa aproxima-se das reflexões de Josué de Castro (2008) ao compreender a fome como um fenômeno político e social, produzido por estruturas econômicas desiguais e não pela escassez natural de alimentos. Da mesma forma, o sabão assume significado que extrapola sua função utilitária. A limpeza representa o desejo de reconhecimento, pertencimento e preservação da dignidade humana. Mesmo vivendo em extrema pobreza, Carolina insiste em manter a casa organizada, as roupas limpas e os filhos cuidados, revelando que a dignidade não se limita à satisfação das necessidades fisiológicas, mas envolve também autoestima, identidade e respeito social. A ausência do sabão simboliza, portanto, a negação de condições mínimas de cidadania. Esses elementos permitem compreender que a escrita de Carolina produz uma crítica estrutural ao modelo de desenvolvimento urbano brasileiro. A favela aparece como espaço produzido pela desigualdade social e racial, onde a ausência de saneamento, infraestrutura, segurança alimentar e políticas públicas evidencia formas contemporâneas de exclusão territorial. Essa configuração espacial aproxima-se das reflexões de Milton Santos (2007), para quem o espaço urbano não constitui apenas um cenário onde as desigualdades acontecem, mas um produto das próprias relações econômicas, políticas e sociais. A favela, então, evidencia a distribuição desigual dos direitos urbanos e revela como determinados grupos permanecem sistematicamente privados das condições necessárias ao exercício pleno da cidadania. Nesse sentido, a obra dialoga diretamente com o conceito de racismo ambiental, entendido como a distribuição desigual dos impactos da precariedade urbana sobre populações historicamente marginalizadas, sobretudo negras e pobres, levando-nos ao conceito de Necropolítica. A escrita de Carolina Maria de Jesus também dialoga com as reflexões de Achille Mbembe (2018) sobre a necropolítica, ao revelar como a fome, a miséria e a ausência de políticas públicas operam como mecanismos de gestão desigual da vida. Em Quarto de Despejo, a favela evidencia que determinados grupos sociais permanecem sistematicamente expostos à precarização de suas condições de existência, resultado de escolhas políticas que definem quais vidas são protegidas e quais podem ser relegadas ao abandono. Ao registrar essa realidade a partir da própria experiência, Carolina rompe com o silenciamento histórico imposto às populações periféricas e transforma a literatura em um espaço de denúncia, memória e afirmação da dignidade humana. A atualidade de Quarto de Despejo reside justamente em antecipar debates que hoje atravessam organismos internacionais e pesquisas sobre cidades sustentáveis. Questões como insegurança alimentar, direito à moradia, justiça ambiental, segregação urbana e desigualdade racial permanecem presentes em diferentes contextos urbanos ao redor do mundo. Além disso, a narrativa rompe com a ideia de que sujeitos periféricos ocupam apenas o lugar de objeto de pesquisa. Carolina assume o papel de intelectual da favela, produzindo conhecimento a partir da própria experiência e transformando sua escrita em instrumento de memória, resistência e enfrentamento político. Sua linguagem reafirma que a literatura pode atuar como espaço de construção de saberes capazes de dialogar com diferentes áreas do conhecimento, aproximando literatura, sociologia, geografia, educação e estudos urbanos. **Considerações Finais:** À luz das reflexões de Paulo Freire (1996), evidencia que Quarto de Despejo ultrapassa os limites da autobiografia para constituir uma leitura crítica das desigualdades que estruturam a sociedade brasileira. Ao denunciar a fome, a segregação urbana e a negação da dignidade humana, Carolina Maria de Jesus transforma a literatura em uma prática de conscientização, produzindo uma leitura do mundo capaz de mobilizar processos educativos comprometidos com a emancipação dos sujeitos. Nessa perspectiva, sua escrita reafirma a compreensão freireana de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, evidenciando a literatura como espaço de formação crítica, produção de conhecimento e resistência. Assim, a permanência de Quarto de Despejo demonstra que integrar



literatura, educação e ciências sociais constitui um caminho indispensável para compreender e enfrentar os desafios urbanos globais.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Desigualdades Sociais. Escrita Marginal. Dignidade Humana. Desafios Urbanos.

Referências

ACSELRAD, H.; MELLO, C. C. A.; BEZERRA, G. N. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
CASTRO, J. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2020.
MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.